

Chegou o dia: hoje à tarde, em Brasília, prestará juramento de obediência à Constituição 478 dos 479 deputados federais eleitos em 15 de novembro e 25 senadores, estes com mandato de oito anos. Foi a maior renovação na Câmara, quase 60% (mais de 250 novos deputados), e após a posse, hoje, e a eleição das mesas da Câmara e do Senado, amanhã, o Congresso só voltará a funcionar dia 1º de março.

E o primeiro grande tema, quando se iniciar a legislatura, será a reforma salarial recentemente imposta pelo governo. Com o apoio dos demais partidos de oposição, o PMDB pretende concentrar toda a luta parlamentar na situação sócio-econômica, com ênfase na recessão, no aumento do desemprego e na queda dos salários. Prevê-se desde já que algumas CPIs serão solicitadas.

Na grande renovação promovida pela eleição de novembro, muitos dos deputados que tomam posse hoje estão retornando à Câmara após períodos de afastamento por motivos que vão desde a cassação (caso do paranaense Alencar Furtado) ao exercício de outros mandatos eletivos ou derrotas em pleitos anteriores. Dos deputados punidos na primeira fase do movimento de 1964, apenas quatro voltam agora: José Aparecido (PMDB-MG), Paulo Mincaroni (RS), Moisés Pimentel (CE) e Fernando Santana (BA).

Além deles, há também o ex-governador pernambucano Miguel Arraes, eleito agora pelo PMDB de seu Estado. Arraes vai legislar em companhia de vários parlamentares punidos após o AI-5, em dezembro de 1968: Mário Covas (SP), Cid Carvalho (MA), Floriceno Paixão (RS), Amauri Muller (RS), Bocaiuva Cunha (RJ), Milton Reis (MG), José Colagrossi (RJ), Osvaldo Lima Filho (PE) e Ivete Vargas (SP), esta, já escolhida como líder do PTB na Câmara.

Surgem também figuras polêmicas, como o ex-governador Paulo Salim Maluf (PDS-SP), o deputado-cacique Mário Juruna (PDT-RJ), o cantor Agnaldo Timóteo (PDT-RJ), o cantor Moacir Franco (PTB-SP), Sebastião Rodrigues de Moura, o "major Curió", ex-agente do SNI na repressão às guerrilhas do Araguaia, e José Genoíno Neto, ex-guerrilheiro no Araguaia, eleito pelo PT paulista.

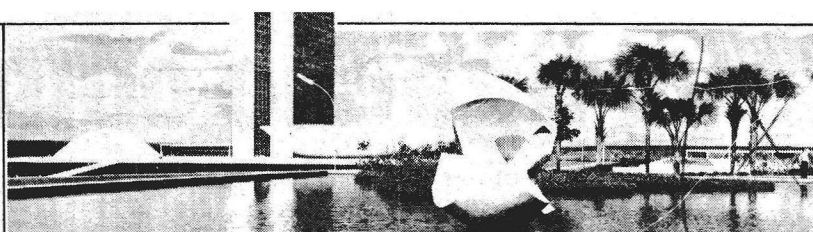
Juruna, por sinal, criou polêmica ontem mesmo, um dia antes da posse, quando consumiu praticamente toda a reunião do PDT, originalmente marcada para discutir a escolha da liderança do partido, em uma discussão sobre o uso de terno e gravata nas sessões da Câmara. O cacique está disposto a lutar por uma mudança no regimento interno, que obriga o uso de gravata, e só hoje vai decidir se toma posse engravatado e falando Português ou sem gravata e falando em xavante.

Novos líderes

— Meu principal objetivo na presidência da Câmara será, respeitadas as atribuições de cada Poder, ajudar o presidente Figueiredo a consolidar a democracia no Brasil.

Assim o deputado cearense Flávio Marcílio definiu seus planos para os próximos dois anos, quando será o presidente da Câmara dos Deputados. Marcílio, um dos principais representantes do chamado "grupo malufista", foi indicado ontem pelo PDS após receber 188 votos, contra 25 em branco e quatro nulos.

É a terceira vez que ele assumirá a presidência da Casa e, apesar de "agradecido e confortado pela solidariedade e confiança que os companheiros mais uma vez me tributaram", e da promessa de "me manter a exclusivo serviço da instituição a que tanto prezo", a atuação de Flávio Marcílio deverá ser



O primeiro dia do novo Congresso

Hoje tomam posse, em Brasília, os deputados e senadores eleitos em 15 de novembro. Amanhã, a eleição para a mesa da Câmara e do Senado.



Maluf em cena

Marcílio, o presidente.

O deputado Timóteo

Ivete, a líder.

Juruna, de terno?

seguida atentamente não só pelas oposições mas também pelo próprio governo.

E o deputado cearense precisará de muita habilidade para contornar problemas. Se, no Senado, a superioridade numérica do PDS — 46 senadores, dois terços da Casa — dá tranquilidade ao Planalto, a situação na Câmara é diferente: o PDS atingiu 235 deputados contra 244 das oposições reunidas. Sem a maioria absoluta que tanto ajudou a Arena a fazer passar as decisões do governo, o PDS agora terá de negociar.

É por isso que PMDB, apoiado pelo PT, se esforça para formar o "bloco parlamentar oposicionista". Em contrapartida, o PDS continuará agindo para evitar a união dos partidos de oposição. Não foi por outra razão que o deputado Nelson Marchezan, novo líder do PDS, lutou e conseguiu incluir na mesa diretora da Câmara, em cargos efetivos (sem serem suplências), representantes do PDT de Brizola e do PTB de Ivete Vargas. Esse gesto contou pontos positivos como investimento para o futuro.

A presidência da Câmara é um cargo fundamental para os planos do governo. Afora as atribuições do regulamento, que lhe conferem o poder de presidir as sessões, pro-

mulgar as resoluções da Casa, impedir a anotação de discursos pela taquigrafia e mesmo censurá-los, estabelecer o ponto da questão sobre o qual deva ser feita a votação e desempatar votações, o presidente da Câmara pode retardar por muito tempo iniciativas da oposição. Como, por exemplo, o requerimento de uma CPI.

Esse poder deverá ser utilizado pelo governo para neutralizar a formação do bloco oposicionista ou a eventual união destes partidos. Não está explícito no regimento da Câmara, claro, mas o presidente pode empregar recursos e táticas capazes de inviabilizar ou pelos menos atrapalhar profundamente as medidas da oposição.

Um exemplo: as oposições podem, hoje, aprovar requerimento de convocação de uma CPI, mas antes é preciso que o requerimento seja despachado pelo presidente da Câmara, que poderá protelá-lo por tempo indeterminado. Também a organização da ordem do dia, ou seja, os projetos que devem ou não entrar em pauta para apreciação pelos deputados, é outra prerrogativa do presidente, o que lhe garante enorme poder sobre os demais parlamentares; ele pode evitar por vários meses a votação de um projeto, causando transtorno

nos à oposição, que terá, então, de conseguir aprovar o caráter de urgência para sua tramitação — o que demanda tempo e negociações.

Figueiredo

Apoio à classe política, garante o presidente da República, não vai faltar. Superado o incidente com o deputado Herbert Levy (PDS-SP) na semana passada, quando este disse ter ouvido de Figueiredo que "o Legislativo precisa criar vergonha", o presidente começou a semana otimista com as perspectivas de trabalho do novo Congresso.

Quem anunciou essa disposição de Figueiredo foi o deputado maranhense Edson Lobão, que se avistou com o presidente ontem. Segundo Lobão, Figueiredo acredita que mesmo sem o PDS deter a maioria os políticos saberão buscar o entendimento para a solução dos problemas. E o fato de o PDS estar em minoria não constitui preocupação para o Palácio.

Na nova Câmara, os líderes já estão definidos: Marchezan será o do PDS, o PTB confirmou ontem o nome de Ivete Vargas, deputada por São Paulo e sua presidenta nacional, o PT definiu-se por Airton Soares (SP), o PMDB escolheu o também paulista Freitas Nobre e o PDT, diante do caso da gravata e do idioma de Juruna, não tomou qualquer decisão, marcando nova reunião para hoje.

Para o Senado, PMDB e PDS entraram em acordo e já definiram a composição da nova mesa, que no período 83/84 ficará assim: presidente, Nilo Coelho (PDS-PE); 1º vice-presidente, Moacir Dalla (PDS-ES); 2º vice, Jaison Barreto (PMDB-SC); 1º secretário, Henrique Santillo (PMDB-GO); 2º secretário, Lenoir Vargas (PDS-SC); 3º secretário, Milton Cabral (PDS-PB); 4º secretário, Raimundo Parente (PDS-AM).

A chegada

Animados, confiantes, graves, alegres, desafiadores e até zangados.

Assim se encontram os 255 deputados federais novos que tomam posse hoje na Câmara — os outros 223 são reeleitos, e um apenas, Alvaro Valle (PDS-RJ), tomará posse só em junho, pois renunciou ao mandato anterior para cumprir compromisso profissional no Itamaraty.

Os quatro anos de mandato a enfrentar são encarados com sentimentos de toda ordem, como o profissionalismo de Paulo Salim Maluf, um candidato óbvio à sucessão de Figueiredo, a alegria de Márcio Braga, ex-presidente do Flamengo ("Estou como um menino de colégio interno"), ou a declaração de seriedade de Agnaldo Timóteo: "Não vou admitir que me desrespeitem, sou sensível e respeitador e tentarei ser disciplinado".

Haverá muitos contrastes, a começar pelo próprio dia da posse. Alguns terão uma claque a homenageá-los com faixas e gritos, como o "major Curió", do PDS, recebido por 300 garimpeiros que viajaram em três ônibus e cinco aviões desde o Pará.

Mas José Genoíno Neto, 36 anos, eleito pelo PT e ex-guerrilheiro no Araguaia, não terá festa. Ele prefere pensar no futuro:

— Se depender de minha vontade, não falo com o Curió na Câmara. Não é por problema pessoal, mas porque serve ao regime de maneira violenta e repressiva.

E Maluf, que não perde tempo, solicitará brevemente ao chanceler Saraiva Guerreiro uma audiência, na qual vai pedir que o Itamaraty convide o rei Gustavo, da Suécia, e o presidente italiano Sandro Pertini para visitarem o Brasil. Tudo porque Maluf, na sua última viagem ao Exterior, conheceu os dois estadistas mas não tinha competência para tais iniciativas. Agora ele quer o aval do Itamaraty.